

Manuscritos hebraicos na Torre do Tombo

Não são muitos os manuscritos hebraicos encontrados em Portugal. O seu número está muito longe de corresponder à importância que teve a comunidade judaica no nosso país, mormente no séc. xv. Certamente que não faltaram nas sinagogas os livros sagrados da Bíblia e os do Talmud, mas quase tudo desapareceu. A expulsão dos judeus decretada por D. Manuel em 1496 e a vigilância inquisitorial que se seguiu explicam em boa parte tal desaparecimento. É de supor, no entanto, que alguma documentação hebraica ainda permaneça escondida nos arquivos, sem que ninguém lhe tenha prestado atenção, principalmente por não ser entendida geralmente a sua escrita.

A carência de manuscritos hebraicos entre nós foi já apontada por outros, e muito recentemente por Thérèse Metzger, ao estudar os «manuscritos hebraicos copiados e decorados em Lisboa»¹.

Por esta razão, a descoberta de manuscritos deste género reveste-se de certo interesse, como já pudemos verificar, por experiência própria, em duas ocasiões: em 1973, ao darmos a conhecer um códice contendo várias línguas orientais, entre as quais o hebraico, existente na Biblioteca Municipal do Porto², e em 1978 ao publicarmos dois fólios bilingues, escritos em hebraico e aramaico, encontrados num antiquário de Lisboa³.

¹ THÉRÈSE METZGER, *Les manuscrits hébreux copiés et décorés à Lisbonne dans les dernières Décennies du XV^e siècle*, Centro Cultural Português, Paris 1977, 3-5. A autora reporta-se à obra de GABRIELLE SED-RAJNA, *Manuscrits hébreux de Lisbonne*, Paris, 1970.

² A. A. TAVARES, *Línguas orientais num manuscrito português do século XVI*, *Didaskalia*, vol. III, 1973, 157-180.

³ A. A. TAVARES, *Manuscrito hebraico e aramaico em Lisboa*, *Didaskalia*, vol. VIII, 1978, 187-194.

Neste momento, temos a oportunidade de dar a conhecer quatro documentos hebraicos existentes na Torre do Tombo, conservados em total esquecimento, pelo menos três deles, pois só há pouco foram descobertos.

Não estão catalogados por um número especial de manuscritos e, por isso, vamos apresentá-los unicamente pela cota do arquivo. Sem atribuírmos grande importância à ordem de apresentação, colocamos em primeiro lugar os que têm conteúdo bíblico e, no fim, os fragmentos do Talmud.

I — Documentos Orientais, Maço 1, n.º 96

Encontra-se entre os «documentos orientais» uma folha de pergaminho que servia de capa ao livro N. A. 572. O pergaminho é muito fino, rijo, de côr amarela e quase transparente, de tal forma que a escrita de uma das faces quase parece o reflexo da que se encontra na parte oposta. Mede $33 \times 26,8$ cm. O texto está disposto em duas colunas, de 24 linhas cada uma, tendo uma e outra a largura aproximada de 8 cm. É um extracto do livro dos *Números* 3, 43-4, 20 (fig. 1: *Num.* 4, 7-20). Temos de considerar bom o seu estado de conservação, apesar de existir um vinco numa das margens e de estar ligeiramente mutilado na outra. Nada disso, felizmente, atinge a justificação (parte escrita). A caligrafia é regular, sem poder classificar-se de muito boa. Notam-se efectivamente algumas imperfeições no desenho de algumas letras, onde a forma quadrada não foi conseguida pelo copista num ducto fácil. Tal é o caso, por vezes, do *resh*, do *dalet*, do *hê*, etc. Houve, sim, grande preocupação em harmonizar o comprimento das linhas, o que obrigou a ampliar algumas letras finais. Sirva de exemplo a coluna *b*, linhas 12.13.14. Pela mesma razão, o copista reduziu quando necessário, o tamanho de outras, como pode observar-se na última linha da coluna *a*.

A preocupação em atender ao pormenor manifesta-se na vocalização massorética e no emprego de acentos «disjuntivos», auxiliares da leitura. O leitor atento não deixará de admirar certa abundância e variedade de acentos, que vão desde o «siluq» ao «atnah», do «pazer» ao «garmeh», para não mencionarmos outros. Estas observações testemunham em favor da preocupação da transmissão fiel do texto de que se serviu o copista. Comparando com a edição crítica da *Bíblia Stuttgartensia*, podemos verificar que não existe uma única

ואת קטורת הנסך והחם
 התנחל על יד ה' ופרשו
 יד יחם במד ואלו שני
 וכסו אתו במכסה עור
 תחש ורשמו את ברי וזקנו
 במד צלח וכסו את מנחת
 המאור ואת נרותיה ואת
 ברכתה ואת מדהותיה
 ואת כל כלי טענה אשר
 ישתחו לה בהם ונתנו אתו
 ואת ככליה אר מכסה
 עור תחש ונתנו על המוט
 ועל מזבח הזהב יפרשו
 בנד תכלית וכסו אתו נמכסו
 יעור תחש ושמו את ברוז
 ולקחו את כל כלי השרת
 אשר ישרתו בס בקדש
 ונתנו אל בנד תכלית וכסו
 אותם במכסה עור תחש
 ונתנו על המוט ורשמו
 את המזבח ופרשו עליו
 בנד ארבע ונתנו יעור את
 כל כלי אשר ישרתו וקחו
 בהם את המחתת את המזל

ואת הייניס ואת המזרקת
 כל כלי המזבח ופרשו
 יעורו בסד יעור תחש וקחו
 בריו וכליה ארבע ובעור
 לכסת את הקדש ואת מל
 כלי הקדש בנוסף המנח
 ואחריו יבאו בני קחת
 לשאתו ורשמו את הקדש
 ונתנו אל כלי טענה אשר
 ישתחו לה בהם ונתנו אתו
 בנד ארבע ונתנו יעור את
 כל כלי אשר ישרתו וקחו
 בהם את המחתת את המזל

וידבר יהוה אל משה ואמר
 אהרן לאמר אל תכבדו
 את שבט מנשה שפחת הקדש
 מתוך הלויס ואת ייניס
 להם וחיזו ורשמו את השת
 את הקדש הקדש יס אהרן
 ובעור יבאו ושמו אותם
 איש איש על בדרו וא

Fig. 1

lição variante desde 4, 7-20. De facto, o texto preferido pela referida edição crítica de 1977 é exactamente o mesmo que reproduz o nosso manuscrito.

Curiosamente tivemos oportunidade de fazer idêntica apreciação relativamente ao texto do manuscrito de que demos notícia em 1978, que continha igualmente um fragmento do mesmo livro bíblico. Foi-nos dado então observar que já não sucedia o mesmo com o texto paralelo aramaico, do *Targum Onkelos*, onde se notam divergências.

Versão

Num. 4, 7-19

«Estenderão um pano azul sobre a mesa da «Presença» e sobre ela colocarão os pratos, as colheres, as jarras e os copos, para as ofertas do vinho. Haverá sempre pão sobre a mesa. Por cima desse pano, uma cobertura de pele fina. Depois, ajustarão os varais, pegarão num pano azul e cobrirão o candelabro, as lâmpadas, as tenazes, os cinzeiros e todos os vasos que utilizem para o azeite. Envolverão tudo isso com uma cobertura de pele fina, colocando-o em seguida sobre um andor, para ser transportado.

Estenderão também um pano azul por cima do altar de ouro, cobri-lo-ão com uma cobertura de pele fina e ajustarão os varais. Depois disso, recolherão todos os utensílios utilizados no serviço do santuário e hão-de colocá-los num pano azul. Cobri-los-ão com uma cobertura de pele fina e depositá-los-ão sobre um andor. Devem retirar as cinzas do altar e, em seguida, cobri-lo com um pano de púrpura. Colocarão por cima tudo o que se usa nas cerimónias religiosas no altar: os braseiros, as forquilhas, pás, bacias e todos os utensílios do altar. Por cima, estenderão uma cobertura de pele fina e ajustarão os varais para o transporte.

Quando Aarão e os seus filhos acabarem de envolver todos os objectos sagrados e estiverem prontos para se pôem a caminho, poderão vir os descendentes de Caat para transportar todas essas coisas. Mas não devem tocar nada sagrado com as mãos, para não morrerem. Todas estas coisas da Tenda da Reunião são as que devem transportar os filhos de Caat. Eleazar, filho do sacerdote Aarão, deverá encarregar-se do azeite para as lâmpadas, do incenso perfumado, dos cereais para as ofertas permanentes e do óleo da

unção. Cuidará igualmente do santuário e de tudo o que lá existe, bem como dos seus utensílios.

O Senhor disse a Moisés e a Aarão: Não deixem desaparecer do meio dos levitas o ramo das famílias descendentes de Caat. Para que eles não sejam punidos com a morte, por tocarem as coisas sagradas, deverão fazer o seguinte: Aarão e os seus filhos devem encarregar-se de dizer a cada um deles o que há-de fazer e o que deve levar»⁴.

A extensa perícopes que acabamos de traduzir refere-se aos levitas, que tinham obrigação de prestar serviço no santuário. Fala concretamente dos caatitas a quem competia o cuidado das coisas mais sagradas do tabernáculo. Não falta mesmo uma advertência aos sacerdotes para que exerçam a vigilância e evitem qualquer profanação. Assim, os levitas não poderiam tocar nos objectos sagrados, sem que estes estivessem cobertos. Caso contrário expunham-se à morte.

Não tendo este manuscrito especial valor pelo seu conteúdo, nem por isso deixa de valer como um testemunho da boa tradição textual em que se insere. Gostaríamos de lhe apontar data e, se possível, o nome do copista e o local onde surgiu, mas nada disso é possível. Nem nos elucida sobre estas questões a anotação que alguém escreveu ao fundo da primeira página, em sentido inverso ao do texto hebraico:

«Lyuro da despesa do almazem que martim anes/almuxa-rife delRey noso Senhor em esta sua/villa dalcaçare despendeo o anno de myll e quinhentos».

Parece-me apenas que o pergaminho escrito em hebraico já estava a servir de capa de um livro quando alguém lhe escreveu esta nota.

II — Documentos orientais, Maço 1, n.º 43

Este documento que, segundo uma nota a lápis, se encontrava no fim da «miscelanea manuscripta, no manuscrito n.º 1913», é constituído por quatro folhas de pergaminho, escritas em hebraico de ambos os lados.

⁴ Não é uma versão de equivalência formal aquela que aqui propomos. Tanto neste como nos outros casos que irão seguir-se preferimos a equivalência dinâmica, dentro da fidelidade ao sentido dos textos hebraicos.

O pergaminho é fino, amarelo-pálido, com manchas escuras nas extremidades. As folhas 2, 3 e 4 estão um pouco enrugadas, sem que isso impeça a leitura. A folha *a*, que não tem esse defeito, apresenta no entanto um orifício na parte exterior, mutilando um pouco a justificação.

A medida de cada folha é de 31×22 cm, medidas aproximadas, dada a irregularidade do corte a que foram sujeitas. O texto está disposto em duas colunas de 7 cm de largura aproximadamente, tendo cada uma 22 linhas.

Estamos em presença de um fragmento do livro de *Isaías*, precisamente Cap. 40, 2-44, 16. Tratando-se de um texto bíblico, sem especial novidade, parece-nos suficiente apresentar para análise apenas uma parte. Escolhemos a primeira página por ser facilmente legível (fig. 2: Is. 40, 2-20).

A caligrafia é geralmente correcta, não faltando também aqui exemplos de letras ampliadas com alguma liberdade, para que as linhas atinjam a desejada dimensão. Existe a vocalização massorética e há mesmo alguns acentos para facilitarem a leitura.

No entanto verifica-se que o copista não utilizou uma fonte muito segura. De facto, o texto que nos deixou omite no capítulo 40 todo o versículo 7, cometendo-se nitidamente um «omoeoteleuto». Tal omissão é aliás facilmente explicável, pois tanto o vers. 7 como o vers. 8 começam por duas palavras iguais.

Além disso, no vers. 10 existe uma «escrita defectiva». Escreve-se יבֿא em vez de יבֿוא, enquanto no vers. 12 se passa exactamente o contrário. Escreve-se בֿשֿלֿש em vez de בֿשֿלֿשׁ .

Versão

Is. 40, 3-20

«[Dêem ânimo a Jerusalém] e digam-lhe que terminou a sua escravidão, que já pagou as suas faltas e que já recebeu da minha mão castigo a dobrar pelos seus pecados. Uma voz grita: preparem, no deserto um caminho para o Senhor, aplanem na estepe, uma estrada para o nosso Deus. Enchem todos os vales, abaixem as montanhas. Os montes tornar-se-ão planos e os terrenos escarpados serão nivelados. Então o Senhor mostrará a sua glória; todos os homens a verão. Foi o próprio Senhor quem o disse.



Fig. 2

Uma voz grita: «proclama uma mensagem». E eu pergunto que mensagem hei-de proclamar. Proclama que todo o homem é como erva e não dura mais que as flores do campo.

[*Falta todo o vers. 7*].

A erva seca e a flor murcha, mas a palavra do nosso Deus permanece firme para sempre.

Oh Jerusalém! Sobe ao cimo da montanha e proclama uma boa notícia. Levanta sem medo a voz e anuncia às cidades de Judá que o Senhor está a chegar!

O Senhor soberano está a chegar com o seu poder e submeterá tudo com a força do seu braço. Atrai o seu povo que o resgatou. Vem como um pastor que trata do seu rebanho; levanta os cordeiros nos seus braços e cuida atentamente das ovelhas mães.

Quem é que já mediu o mar com a palma da mão ou calculou com os dedos a extensão do céu? Quem é que já mediu o pó da terra com um alqueire ou pesou as montanhas e as colinas numa balança? Pode alguém dizer ao Senhor o que deve fazer ou pode alguém dar-lhe instruções? Quem lhe pode dar conselhos e entendimento? Quem o ensina a julgar com rectidão? Quem o pode instruir com ciência ou dar-lhe lições de sabedoria? Para o Senhor, as nações são como uma gota de água, como um pó de grão na balança. As ilhas do mar valem tanto como um grão de areia.

Todos os animais nas florestas do Líbano não seriam suficientes para oferecer um sacrifício ao nosso Deus nem as árvores bastantes para a lenha do fogo. Todas as nações não valem nada perante Ele. A quem poderia comparar-se o nosso Deus? Com que imagem se poderá representar? Não é semelhante a um ídolo que faz o escultor, que o ourives reveste de ouro e coloca numa base de prata. O homem que não consegue prata nem ouro, escolhe madeira que não se corrompa. Procura um bom artista para que fique uma estátua boa».

É bem conhecido este belo texto de *Isaías* que se encontra no nosso manuscrito. Trata-se do início do *Deutero-Isaías* que se prolonga desde o Cap. 40 até 55. É manifesta a alegria do profeta nestas palavras de «consolação a Israel»: idealiza o regresso dos exilados, que confunde na sua perspectiva com o início da era messiânica. Promete a libertação, canta a glória de Javé, vindo pelo deserto, exalta a imutabilidade dos planos de Deus e louva a grandeza do seu poder e sabedoria. Pode depois concluir da inutilidade dos ídolos.

Sendo-nos grato registar a presença deste extenso fragmento de *Isaías*, não lhe poderemos atribuir, pelas deficiências que apon-támos, grande valor documental.

III — Capa do livro n.º 174, da Sé de Lamego

Tem a capa deste livro colada na parte externa a seguinte etiqueta: «Notas de Lopo Rodrigues anno de 1508». Não é o livro que, de momento, nos interessa mas a capa que o envolve, de pele relativamente grossa e escura. Não foi colada nem se utilizou na lombada qualquer empaste, mas foi ligeiramente cosida, o que permite medi-la facilmente de uma a outra extremidade: $62 \times 29,3$ cm.

Está escrita na parte interior em quatro colunas de cerca de 13 cm de largura cada uma. A única que está intacta é a segunda, que tem 23 linhas. A sua cor, quase tão escura como a tinta usada na escrita, não permite uma boa reprodução fotográfica, embora o seu estado de conservação permita que se leia, com algum esforço. Contém um extracto do livro de *Ester*, começando no Cap. 2, versículo incerto, e terminando em 4,8. A segunda coluna que se pode ler integralmente, e nos permite algumas observações, começa em 2,17 e termina em 3,5.

Na parte externa da pele, não se distinguem quaisquer caracteres hebraicos, embora se notem vestígios de letras do alfabeto latino (*textus rescriptus?*).

Uma observação atenta permite-nos afirmar o seguinte:

1. A caligrafia é de grande perfeição: caracteres muito bem proporcionados, forma quadrada, traço fino e até elegante. Revela o copista preocupação idêntica à que verificámos nos manuscritos precedentes, ao ampliar ou diminuir o tamanho de algumas letras para harmonizar o comprimento das linhas.
2. Embora não utilize vocalização massorética nem separe muito as palavras, utiliza de vez em quando alguns acentos auxiliares da leitura.
3. Estamos em presença de um testemunho fiel de excelente tradição textual. De facto, comparando com o texto preferido pela *Biblia Stuttgartensia*, podemos verificar não existir uma única lição variante.

Versão

Est. 2, 17-3, 5

«O rei Xerxes enamorou-se de Ester, como nunca se tinha enamorado de nenhuma outra mulher. Ester, mais do que nenhuma outra jovem conquistou a afeição e o amor do rei, de tal maneira que ele lhe colocou na cabeça a coroa real e a fez rainha no lugar de Vasti. Depois, ofereceu um banquete em honra de Ester, convidando todos os cortesãos e altos funcionários. Reduziu os impostos das províncias do seu império e distribuiu benesses com real magnanimidade.

Entretanto Mardoqueu havia sido designado pelo rei para uma alta função administrativa. Ester, por sua vez, seguindo os conselhos de Mardoqueu, não dizia nada acerca do seu povo ou da sua família, cumprindo assim as instruções que ele lhe tinha dado, tal como quando estava sob a sua protecção.

Ora, enquanto Mardoqueu desempenhava as suas funções no palácio real, soube que Bigtan e Teres, dois oficiais da guarda real, se haviam tornado inimigos do rei e faziam planos para o assassinar. Ao saber disto, Mardoqueu avisou a rainha Ester que, por sua vez, contou ao rei que Mardoqueu tinha descoberto tal plano. Feita uma investigação do caso, reconheceu-se que era verdade e os dois oficiais foram condenados à força.

Isto foi escrito no livro das Crónicas do império, na presença do rei.

Algum tempo depois, o rei Xerxes promoveu Aman, filho de Amedata, descendente de Ag, ao cargo de chefe do governo. E ordenou a todos os que estavam ao seu serviço no palácio que se ajoelhassem e inclinassem a cabeça diante de Aman quando ele passasse ou quando estivessem diante do rei.

Todos cumpriram essas ordens, à excepção de Mardoqueu, que se recusava a isso. Os funcionários do rei perguntaram-lhe então por que não cumpria as ordens de Xerxes. Dia após dia lhe faziam a mesma pergunta, mas ele não fazia caso, até que foram contar a Aman, para ver se Mardoqueu persistia na sua atitude, pois já lhe tinham dito que era judeu. Aman ficou indignado quando soube que Mardoqueu não lhe dobrava o joelho nem se inclinava à sua passagem».

Este episódio bíblico, com seus antecedentes e consequências, era recordado e celebrado com fervor patriótico, entre as famílias judaicas na festa de Purim. A salvação dos judeus da Pérsia no tempo de Xerxes (Assuero) pela intervenção de Mardoqueu e da rainha Ester estava na base dessa celebração, que ocorria anualmente nos dias 14 e 15 do mês de Adar (Fevereiro-Março), como informa já Flávio José⁵. Assim se explica que o livro de Ester se conservasse nas casas particulares, que não só na sinagoga, para a leitura familiar. O *meguilat-Ester* (o rolo de Ester) tornou-se mesmo o *meguilá* por excelência.

Os judeus portugueses, bem ligados às suas raízes, não deixavam certamente de celebrar a festa de Purim, já de origem persa e o nosso manuscrito, que contém um extenso fragmento do livro de Ester, bem poderá ter sido usado para tal finalidade.

Valor documental

A pele que serve de capa ao livro n.º 174 da Sé de Lamego contém sensivelmente metade do rolo de Ester. É natural que tenha sido cortada ao meio para duas capas idênticas de livros.

Afirmámos que o texto se insere numa óptima tradição textual, facto que é de assinalar, pois, como se sabe, a história da transmissão do livro de *Ester* é bastante complexa. O livro chegou-nos em duas recensões: a hebraica, que vai de 1,1 a 10,4 e a grega, igual à da Vulgata latina, que continua desde 10,5 a 16,24. O texto deste nosso manuscrito vai filiar-se numa excelente família de códices hebraicos, que o copista respeitou com esmerada fidelidade.

IV — Corpo cronológico, Parte III, Maço 1, n.º 4

O presente documento é constituído por duas pequenas folhas de pergaminho, escritas a uma coluna de um e de outro lado. Servem de capa a um caderno que é constituído por folhas de maior dimensão, contendo «vários capítulos do modo com que se devem arrecadar as cizas do sal». A nota acrescenta ainda: «A 10 de Fev. era de 1433»,

⁵ *Antiquidades Judaicas*, 11, 6, 13. Uma óptima edição é a de B. NIESE, 7 vols., Berlim, 1955.

situando-nos portanto em 1395. A primeira folha mede $18,3 \times 12,3$ cm, sendo a justificação de 14×8 cm. A segunda mede 19×12 cm, tendo a justificação apenas 14×6 cm.

As duas folhas de pergaminho, já bastante escurecido, são as que restam de um pequeno caderno que tinha mais quatro (ou talvez cinco), como se pode concluir dos fragmentos que restam. Ficou também uma pequena tira de pele, vermelha na parte externa, que serviu de capa a esse caderno escrito em hebraico. Sobre as folhas, foram traçadas linhas, que são bem visíveis nas margens. Infelizmente as folhas que restam foram cortadas sem respeito pelo texto, que ficou bastante mutilado. Estamos em presença de fragmentos do *Talmud Babilónico*, *Tratado de Pesahim*, Cap. VI. O estado em que as folhas ficaram, após os cortes sofridos não permite uma leitura seguida. Reproduzimos aqui apenas a primeira página (fig. 3), que, apesar de ser a mais completa, está privada de várias palavras, como poderemos observar na transcrição que fazemos das primeiras 2 linhas, para exemplificação. Colocamos entre colchetes as palavras omitidas no manuscrito ⁶.

(מה מועדו האמור בתמיד) רוחה את השבת
אף מועדו האמור בפסח (רוחה שבת)

Apesar destas graves mutilações, é-nos possível identificar a perícope, que é do tratado de *Pesahim*, Cap. VI, 66a-67b. Todo este tratado, que é o terceiro da «Seder Moed» (= Ordem do tempo) dá orientações e prescrições relativas à observância da Páscoa, tendo por base bíblica: *Ex.* 12, 23; 34, 15 s; *Lev.* 23, 5s; *Num* 28, 16 ss; *Deut.* 16, 1s. ⁷

Esta perícope refere-se ao sacrifício que «empurra o sábado se calhar na Páscoa». Havia de facto trabalhos que, para cumprimento do sacrifício pascal, tinham precedência sobre o repouso sabático. Assim, era permitido degolar a vítima, aspergir o sangue, purificar

⁶ Utilizamos para comparação as seguintes edições do *Talmud Babilónico*: L. GINZBERG, *Genizah Studies*, vol. 2, New York 1929, 263; Carl Winter, Heidelberg 1948.

Recorde-se que a 1.ª edição dos 2 Talmudes foi publicada em Veneza por DAVID BOMBHEY: o babilónico em 1520-1523; o palestinense em 1523-1524.

⁷ De acordo com a *Mishná*, o *Talmud* divide-se em seis séries (*sedarim*). Cada *seder* divide-se em tratados, num total de 63. A *seder moed* é constituída por 12 tratados: *Sabat*, *Eruvin* (recinto), *Pesahim* (páscoa), *Shecalim* (siclos), *Jomá* (dia), *Sucá* (cabana), *Betsá* (ovo), *Rosh Hashaná* (princípio do ano), *Taamit* (jejum), *Meguilá* (rolo), *Moed caton* (festa menor), *Haguiyá* (festividade).

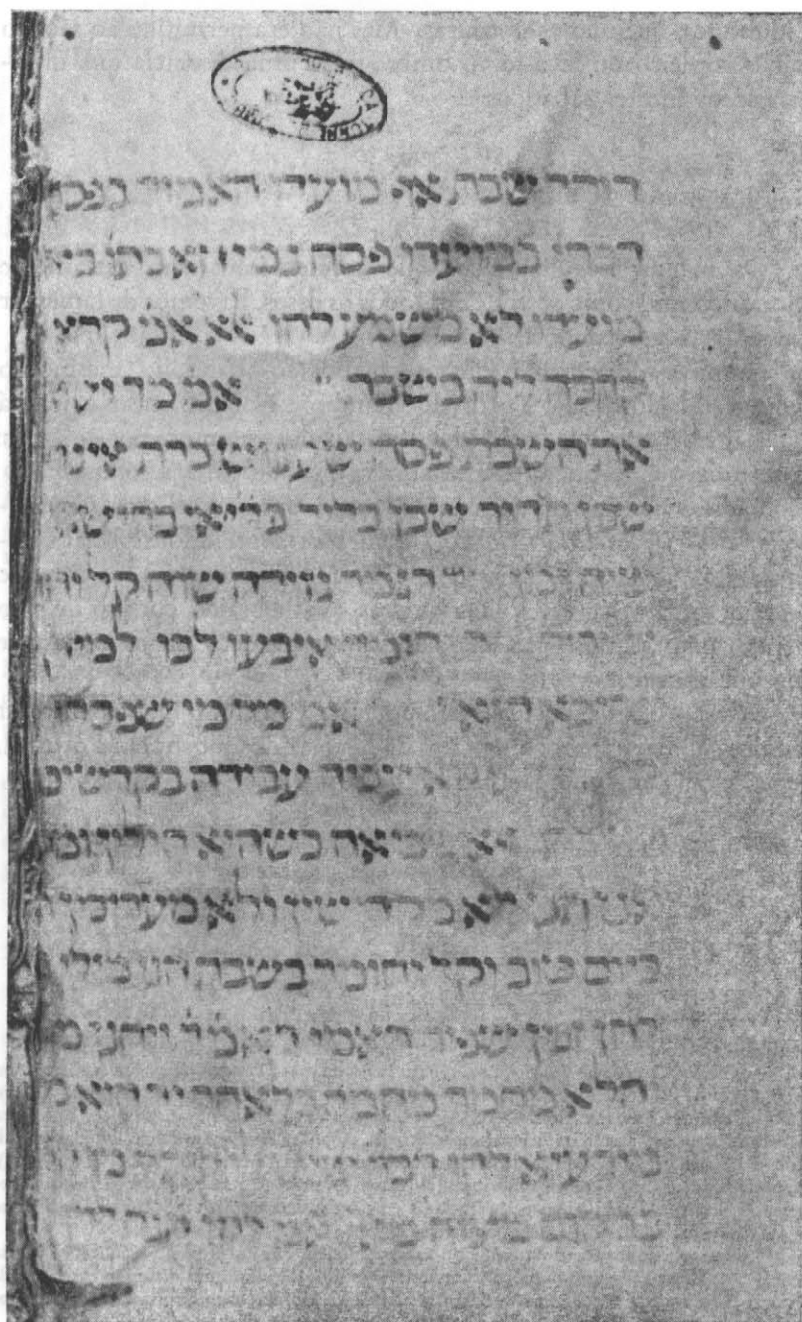


Fig. 3

os intestinos, queimar as gorduras. Mas não era permitido ao sábado assar o cordeiro ou levá-lo ao ombro para uma distância que ultrapassasse os limites sabáticos⁸.

Conclusão

Os manuscritos hebraicos que apresentámos têm certamente valor diferente, como se viu. Em todos os casos, havemos de lamentar que se trate apenas de fragmentos.

Como estes, existirão outros votados ao abandono, mesmo no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Nalguns casos, poderá haver maior dificuldade de identificação dos mesmos, por se tratar de aljamia ou porque a escrita cursiva lhes dificulta a leitura.

Cita-se como exemplo um pequeno texto do *Corpo Cronológico, Parte III, Maço 1 — Doc. 7* e merece sobretudo especial referência o *Livro da Sé de Lamego n.º 175*. De facto contém no empaste da capa uma série de folhas escritas em hebraico cursivo de tipo ibético, cujo estudo pressupõe cuidados técnicos de restauro que nos ultrapassam.

Estes e outros documentos poderão contribuir para esclarecer um dos capítulos mais complexos da história dos judeus em Portugal, que é o da sua cultura e escolas de formação⁹.

A. AUGUSTO TAVARES

⁸ Cfr. A. COHEN, *Le Talmud*, Payot, Paris 1970; HERBERT DANBY, *The Mishna*, Clarendon Press, Oxford, 1967, 136 ss. ABRAHAM J. WEISE (editado por), *El Talmud de Babilónia*, Acervo Cultural editores, Buenos Aires, 1968. A presente edição, infelizmente incompleta, apresenta o texto hebraico da forma tradicional: no centro da página, a «guemara» e duas colunas laterais com o comentário de Salomão ben Isaac, conhecido vulgarmente por Rachi (1040-1105). Tem além disso, uma versão castelhana muito fiel. O prólogo reveste-se de particular interesse. O Talmud de Jerusalém pode ler-se na edição francesa de MOISÉ SCHWAB, *Le Talmud de Jérusalem*, Paris, Ed. G.-P. Maisonneuve et Larone, 1969.

⁹ Em recente tese de doutoramento sobre os Judeus em Portugal no século xv, Maria José Pimenta Ferro Tavares pode verificar ser o capítulo da cultura um dos mais carecidos de fontes. Devemos-lhe a informação da existência do manuscrito hebraico do Corpo Cronológico e do pequeno texto sobre o qual não podemos ainda pronunciar-nos.

Acaba de ser publicada a referida tese: *Os judeus em Portugal no século XV*, Vol. I, Universidade Nova de Lisboa, 1982.